

RESSENTIMENTO E FASCÍNIO NA DIALÉTICA DO COLONIZADOR E DO COLONIZADO A PARTIR DA ESTRUTURA DO DISCURSO DO MESTRE

Nadiá Paulo Ferreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ

Este trabalho visa pensar as relações entre colonizador e colonizado, a partir de três discursos, cuja estrutura foi estabelecida por Jacques Lacan. Quatro lugares e quatro letras, são utilizados para a escrita desses discursos.¹ As letras são: S_1 , S_2 , $\$$, a .

S_1 : Significante-um ou Significante-mestre, aquele que vem do Outro (lugar dos significantes) para marcar de forma singular um sujeito, permanecendo sem decifração.

S_2 : lugar do Outro como saber que não sabe tudo e como meio de gozo.

$\$$: Sujeito barrado, sujeito que se constitui na fenda entre o significante que o marca (S_1) e os significantes (S_2) que vêm do campo do Outro representar esta marca para outros significantes.

a : objeto a com função de mais-gozar.

Os lugares são: agente, verdade, outro, produção. **Agente** é o lugar dominante, do mandato e, como tal, estruturante do discurso. **Verdade** é sempre não toda, sempre um semi-dizer. **Outro** é o gozo do Outro. **Produção** é quem trabalha e, portanto, é preciso não se confundir com o lugar de agente, do qual parte uma ordem para que alguém faça alguma coisa. Esses quatro lugares apresentam-se distribuídos da seguinte forma:

agente (desejo)	outro (Outro)
verdade	produção (perda)

Da articulação dos lugares com as funções próprias de cada discurso, temos a escrita dos quatro discursos:

Mestre	Universalidade	Histórica	Analista
$\frac{S_1}{\bar{S}} \longrightarrow$	$\frac{S_2}{S_1} \longrightarrow a$	$\frac{\bar{S}}{a} \longrightarrow S_1$	$\frac{a}{S_2} \longrightarrow \bar{S}$

A relação que se estabelece na primeira linha entre agente e outro é sempre impossível: significante-mestre (S_1) e saber (S_2); saber (S_2) e mais-gozar (a); sujeito barrado (\bar{S}) e significante-mestre (S_1); mais gozar (a) e sujeito barrado (\bar{S}).

Discurso do Mestre	
Agente: significante mestre (S_1)	Outro: saber (S_2)
Verdade: sujeito barrado (\bar{S})	Produção: mais-gozar (a)

O significante-mestre (S_1) no lugar de agente faz com que esse discurso se sustente na própria função do significante, representada nas duas primeiras linhas (S_1, S_2): significante é o que representa um sujeito para outro significante. O sujeito barrado (\bar{S}) no lugar da verdade indica uma impossibilidade: o sujeito não tem acesso a sua verdade, porque não tem acesso ao significante (S_1) que o constitui como singular. Logo se abre uma hiância entre a marca do sujeito com valor de verdade (S_1) e o saber (S_2), apontando para a natureza de um sujeito cindido entre dois significantes.

Quem trabalha neste discurso? Não é o mestre. Quem trabalha e detém um saber-fazer é o escravo e, justamente por isto, está no lugar da produção, ficando com o mais gozar.

Aqui é preciso abrir um parêntese. Quando Lacan fala do escravo está se referindo ao mundo antigo, onde a escravatura tinha uma função inscrita na família. O escravo, sem liberdade, e portanto propriedade de um senhor a quem devia fidelidade por exigência das leis, era quem detinha o saber-fazer. Os escravos, apesar de terem perdido alguns privilégios de que gozavam em Atenas, tais como poder trabalhar em troca de salário, possuir propriedades e serem funcionários públicos e gerentes de bancos,² desempenharam, no império romano, importantes funções, desde os afazeres domésticos até os mais diversos papéis na economia, na política, na administração e nas artes, estas entendidas desde a prática da medicina, passando pelos ofícios de gramático, de cantor, de comediante e pelos ofícios ligados ao artesanato.³ Mas, mesmo assim, no império romano, eles mantiveram uma certa privacidade: tinham direito a folga, nos dias de festa, para assistir aos espetáculos públicos de teatro, do circo e da arena e, aproximadamente, no ano 200 a.C., obtiveram o direito de casar e constituir família, embora seus filhos se tornassem, automaticamente, escravos do seu amo. Alguns escravos acumularam, inclusive, uma certa fortuna e muitos deles “eram infinitamente mais ricos ou poderosos do que a maioria dos homens livres” (VEYNE, 1991, p. 62). Não deixa de ser curioso, pelo menos quando se associa a escravatura ao modelo do capitalismo, dois fatos mencionados por Paul Veyne: ao contrário de Atenas, em Roma, o assalariamento era considerado “uma ligação feita de desprezo, pois não se trata de um vínculo pessoal” (VEYNE, 1991, p. 68); alguns escravos, que exerciam as funções de administradores ou tesoureiros, conquistaram prestígio e poder. Quanto às estas funções, diz Paul Veyne:

Se o amo resolve mandá-lo negociar, para recolher os lucros, o escravo imediatamente dispõe de uma espécie de patrimônio chamado pecúlio, de plena autonomia financeira, do direito de assinar contratos por iniciativa própria e até mover uma ação judicial, desde que se trate dos negócios do senhor e este não retome seu pecúlio (VEYNE, 1991, p. 68).

Alguns ambiciosos faziam isso para se tornarem administradores de algum nobre ou tesoureiros imperiais: essa foi, em minha opinião, a história do todo-poderoso e riquíssimo Palas, descendente de uma nobre família da Arcádia, que se vendeu como escravo para ser administrador de uma dama de família imperial e acabou como ministro das Finanças e eminência parda do imperador Cláudio (VEYNE, 1991, p. 62-63).

É neste contexto que podemos ler, nas duas primeiras linhas, a estrutura do desejo do homem ($S_1 \rightarrow S_2$): o desejo do homem é desejo do Outro. Assim, podemos dizer que o desejo do Senhor é o desejo colocado por antecedência pelo escravo, já que é este que detém o saber-fazer e, justamente por isto, o seu lugar, nesse discurso, está logo abaixo do saber (S_2).

O discurso do mestre tem uma história. Inicialmente, é o mestre quem exerce a função do senhor, é ele quem dá a ordem para ser executada pelo escravo, aquele que sabe o que e como fazer. O senhor, no lugar de agente (S_1), ao cumprir sua função, perde alguma coisa na ordem do gozo. Essa perda de gozo está escrita nas duas segundas linhas: Sujeito barrado ($\$$) \rightarrow mais-gozar (a). Não pode haver relação entre o que constitui a verdade do sujeito (S_1) e o mais-gozar (a), já que a impossibilidade está sempre inscrita nas duas primeiras linhas: $S_1 \rightarrow S_2$. Quem estabelece a barreira entre o significante-mestre e o saber é o gozo, já que, aqui, quem possui os meios do gozo é o escravo. Assim, a fórmula, que define o discurso do mestre, é a mesma da fantasia: $\$ \diamond a$. Está, então, na própria estrutura desse discurso, a necessidade do mestre querer a restituição do seu gozo. É por esta via de resgate que se funda o capitalismo. É o mestre quem funda o capitalismo, apropriando-se do saber-fazer do escravo e fazendo com que este saber-fazer se transforme em saber do senhor. Saber como meio de gozo e trabalho não são a mesma coisa. Diz Lacan: “Se o saber é meio de gozo, o trabalho é outra coisa. Mesmo sendo feito por quem tem o saber, o que ele engendra pode até, certamente, ser a verdade, mas nunca é o saber — nenhum trabalho jamais engendrou um saber” (LACAN, *Seminário 17*, 1992, p. 74-75). Da apropriação do saber-fazer do escravo, nasce o proletário, reduzido a um valor, e a

nova face do mais-gozar, que é a mais-valia. O senhor no capitalismo é o rico, aquele que pode comprar quase tudo, embora ele acredite que possa comprar tudo. Não é essa estrutura que é reproduzida pelo capitalismo nas relações colonizador-colonizado? Embora os países dos senhores sejam nomeados de ricos e os países dos escravos sejam nomeados de pobres, a riqueza, isto é, a matéria prima pertence aos colonizados. Mas estes não sabem o que fazer com elas, isto é, não tem tecnologia para processá-las e transformá-las em produtos. Os povos desses países privilegiam as festas em detrimento do trabalho. Qual a imagem do Brasil consumida, durante séculos, pelos europeus? Um país tropical, reduzido aos significantes de Sol, Sul e Mar, descrito em prosa, verso e música como sendo o lugar ideal para os viajantes, durante as suas férias, gozarem as delícias do corpo.

Historicamente, para Lacan, quem operou a transformação do escravo em proletário foi a filosofia: “A evolução do discurso do mestre está aí. A filosofia teve o papel de constituir um saber de mestre e senhor, subtraído ao saber do escravo” (LACAN, *Seminário 17*, 1992, p. 140). Não foi exatamente isso que se reproduziu nas relações entre colonizador e colonizado? Nesse processo de deslocamento do saber, uma série de efeitos se produziram:

1- A cisão entre saber e saber-fazer fez com que o saber ficasse do lado da episteme: “a episteme se constitui por uma interrogação, por uma depuração do saber” (LACAN, *Seminário 17*, 1992, p. 140). O trabalho, despojado do saber, ficou com o operário, assim como as riquezas naturais (matéria prima) são saqueadas pelo colonizado, controlado a ferro e a fogo para permanecer na ignorância dos avanços tecnológicos. Hoje, no discurso do mestre, o operário e o colonizado estão no lugar do outro (S_2), ali, onde o “saber não conta mais. Eles não são, simplesmente, explorados, eles são aqueles que foram

despojados de sua função de saber. A condição de suas libertações se deu à custa de um despojamento progressivo.

2- O discurso da ciência é a nova face do discurso do mestre, e é isto “precisamente que não se pode dominar, não se pode amestrar” (LACAN, *Seminário 17*, 1992, p. 140).

3- A constituição do discurso universitário, onde a universidade tem uma função muito precisa: “a cada instante se relaciona com o estágio em que se está do discurso do mestre — a saber, sua elucidação” (LACAN, *Seminário 17*, 1992, p. 139).

Discurso da Universidade	
Agente: saber (S_2)	Outro: mais-gozar (a)
Verdade: significante mestre (S_1)	Produção : sujeito barrado (\bar{s})

No discurso universitário, quem ocupa o lugar da ordem e, como tal, estruturante deste discurso, é o saber (S_2). A necessidade de saber comparece, aqui, como um imperativo categórico: “Vai continua. Não pára. Continua a saber sempre mais” (LACAN, *Seminário 17*, 1992, p. 98). Trata-se de um saber dessubjetivado, um saber em que “toda pergunta sobre a verdade é, falando propriamente, esmagada, silenciada” (LACAN, *Seminário 17*, 1992, p. 98).

O significante mestre (S_1), tendo como agente o saber (S_2), irá comparecer no lugar da verdade a fim de que se produza o achatamento do sujeito desejante e o recrudescimento do eu ideal. Se o escravo, no discurso do mestre, se situava no lugar de mais-gozar, agora, quem se situa nesse lugar é o estudante. Quem trabalha é o estudante identificado com o mais gozar. Não existe mais um mestre para dar ordens, o seu lugar passa a ser ocupado pelo imperativo categórico de saber.

O capítulo V do romance *O Mestre* de Ana Hatherly se inicia com uma paródia ao discurso universitário. Tanto a paródia quanto a alegoria se caracterizam pela técnica verbal da apropriação. Mas, ao contrário da alegoria, a paródia visa a ridicularização do texto incorporado, usando para este fim os recursos da ironia, do grotesco e do burlesco com a função de dessacralização. Na fala do professor aos seus alunos são incorporados uma série de clichês (metáforas congeladas e desgastadas pelo uso): “ser Mestre é uma profissão ingrata”, os alunos são “indisciplinados, ingratos, não reconhecem a grandeza da missão, a dedicação à causa da cultura e ao progresso intelectual de um povo” (HATHERLY, 1976, p. 63), etc. Diante dessa fala, o leitor não se comove com as queixas do professor e nem se identifica com seus valores morais, porque essa personagem é apresentada de forma caricatural e grotesca. Quem opera essa transformação da mensagem é a ironia através da metonímia. Estou empregando esse termo não na concepção da Linguística, mas precisamente no sentido de Lacan: “A dimensão metonímica (...) joga com os contextos e os empregos. (...) Uma palavra pode ser ligada de maneira diferente em dois contextos diferentes, o que lhe dá dois sentidos completamente diversos. Ao tomá-la num certo contexto com o sentido que ela tem em outro, estamos na dimensão metonímia” (LACAN, *Seminário 5*, 1999, p. 65). Um conjunto de metáforas, que está associado a um discurso laudatório e sentimental, é incorporado a um novo contexto, onde a tessitura dos significantes produz um outro sentido para essas metáforas, fazendo com que passem a significar o irrisório. O bom estudante passa a ser aquele que repete as palavras do mestre que, por sua vez, repete “o que está escrito”. Ou seja, os professores universitários, que se identificam com esse lugar e suas insígnias, são apresentados, nessa paródia, como aqueles que são e formam papagaios bem falantes em série, sem o prestígio que os sofistas tinham na Grécia antiga.

Enfim, no discurso universitário trata-se de um saber sem mestre. Lacan, enquanto mestre, foi uma das exceções de nosso tempo, onde reina com todo seu esplendor a ciência, que tende cada vez mais para ser uma “ciência de algum modo objetivada” (LACAN, *Seminário 17*, 1992, p. 140). Essa expressão “ciência objetivada” se refere aos artefatos de consumos (*gadgets*), que são forjados para virem em suplência à estrutura da subjetividade humana, que, para a psicanálise, é marcada por uma falta radical, inviabilizando qualquer experiência de plenitude. Um carro, por mais que seja tratado como se fosse uma mulher, continua sendo um carro, ou seja, por enquanto, esse carro ainda se apresenta como um é um sintoma de nosso tempo.

O sintagma criado por Ana Hatherly — “o que está escrito” — realiza pela síntese a radiografia do discurso universitário: um mito de sabedoria que se sustenta no todo. A verdade (S_1), ao contrário do discurso do mestre, tem como agente um saber (S_2) sem sujeito. Durante muito tempo, uma das regras da redação de uma tese universitária era a impessoalidade, onde deveria ser excluída a primeira pessoa do verbo. Não se podia escrever “eu penso”, mas era até admirável, porque demonstrava grande erudição, o número de “eles pensam”. Cada vez mais em nossos dias, se fortalece, no mundo acadêmico, a defesa do anonimato em julgamentos de avaliação para obtenção de bolsas de pesquisas, para seleção de textos a serem publicados, etc. Além dos argumentos que se sustentam na “defesa” e no “resguardo” do parecerista, estamos diante da não implicação subjetiva com o fazer e com o dizer. Mas o que quero destacar, aqui, é a dessubjetivação do saber, fazendo com que não haja mais necessidade alguma de autoria. Nos meios ditos das ciências exatas, o que mais escuto é se falar em nome da ciência: falam mal, falam bem, elogiam ou criticam medidas governamentais, principalmente na área da educação e da saúde. Mas sempre em nome do Outro. O que cada um pensa sobre isso: coisa difícil de se descobrir.

O mestre foi expulso do discurso universitário e substituído pelo saber, que tem como referência o próprio saber. Aliás, isto não é coisa tão estranha para nós, professores universitários, porque no mundo acadêmico, cada vez sentimos, cotidianamente, os efeitos da estrutura do discurso universitário.

Nesse discurso, a verdade não conta, porque foi silenciada e substituída pelas insígnias, que têm como função instrumentalizar uma escalada ao poder. O recalçamento do significante mestre (S_1) pelo saber (S_2) tem como efeito a produção de uma identificação imaginária com o Outro, que, aqui, é o lugar do mais gozar. O sujeito, tiranizado pela imagem que faz de si mesmo (eu ideal), portanto na posição de objeto, toma o Outro, reduzido ao outro, como seu modelo ideal (ideal-do-eu). Nessa relação especular se inscreve um saber sem sujeito, regido pelas regras das instituições universitárias e científicas. Se esse saber não tem nenhuma serventia para o sujeito, nem mesmo para usufruto de gozo, caberia a pergunta: Para que serve o saber nesse discurso? A resposta já foi dada, no início deste parágrafo, quando afirmei que o valor das insígnias substitui o da verdade. Ou seja, só pode servir para uma escalada ao poder. E, mais uma vez, o cotidiano acadêmico está aí para ilustrar a função desse saber. Na época em que o lugar de cátedra era vitalício nas universidades brasileiras, só havia vacância desse lugar quando ocorresse a morte de quem o ocupava. É assim até hoje na Academia Brasileira de Letras, onde o ritual do fardão se apresenta como signo deste saber. Nada mais resta àqueles que sonham um dia ocupar esse lugar, chamado de imortalidade, senão, na oração de cada dia, pedir a Deus a morte de um semelhante, já que sua insistência em ficar vivo se torna obstáculo concreto aos sonhos de fama e glória. Não é por outra causa que as relações humanas na universidade tantas vezes se tecem em torno de maledicências, intrigas e traições, que são alimentadas pela rivalidade especular, que se chama vaidade.

Agente: sujeito barrado (\mathcal{S})	Outro: significante mestre (S_1)
Verdade: mais-gozar (a)	Produção: saber (S_2)

O fato do sujeito barrado (\mathcal{S}) ter a função de estruturante (agente), nesse discurso, faz com compareça sob a forma de sintoma; $S[\mathcal{K}]$. Isto quer dizer que o desejo de saber na histeria não tem nada a ver com o saber. Nessa estrutura, o sujeito abre mão do mais-gozar, que está no lugar da verdade, para produzir um mestre que, por ter sido colocado no lugar do Outro, é movido pelo desejo de saber. O discurso histérico é uma resposta à própria estrutura do desejo. Ou seja, o desejo do homem se constitui no campo do Outro e, justamente por isto, pode ser definido como sendo desejo do desejo do Outro. Nessa estrutura discursiva, o colonizado não faz outra coisa senão desejar ser o que supõe que seja o colonizador. Só assim, um dia, ele poderá se tornar um igual. Hoje, na universidade, todos nós sabemos, o valor dos trabalhos publicados e dos acordos feitos no estrangeiro. Não se trata fazer de laços, até porque se fosse o caso, não haveria pontuações diferenciadas entre o nacional e o estrangeiro. Fabricar um ideal para amá-lo, coloca em cena a primazia do imaginário, onde ideal-do-eu e eu-ideal se articulam com a conjectura de um saber. Da denegação da diferença, o colonizado se coloca, tal a personagem Discípula de *O Mestre* de Ana Hatherly, na posição de amante-devoto-fiel para receber o reconhecimento do Outro (colonizador). Mas isto não acontece sem o recalque das diferenças e do retorno do recalcado, sob a forma de ressentimentos. Depois da constatação deceptiva de que “mesmo fazendo tudo que me pede, nunca serei igual a Ele”. Então, aquele que outrora serviu e seguiu o Outro, seu Mestre e Senhor, agora, quer se servir Dele para dar vazão ao ódio, alimentado por sucessivas frustrações. Se assim não fosse, como explicar a identificação do colonizado com o colonizador, de forma que, depois da libertação, o governante do país livre reproduz os mesmos mecanismos de controle e de poder que seu país como colônia foi submetido? A rivalidade se desloca para os outros, semelhantes e antigos colonizados, que, como tal, só podem ser abordados como rivais,

iniciando uma luta fratricida, onde não se trata de conquistar um lugar, mas de tomar o lugar conquistado pelo outro, porque, no reino da especularidade imaginária, Outro, reduzido ao outro, coloca em cena a exclusão.

Referências Bibliográficas

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

----- . *O seminário - livro 17- o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar: 1992.

----- . *O seminário - livro 20 - mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

BURNS, Edward Macnall, LERNER, E. Robert e MEACHAM, Sandish. *História da civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Globo, 1988. 2 v.

HISTÓRIA DA VIDA PRIVADA. *Do Império Romano ao Ano Mil*. Col. Dirigida por Philippe Ariès e George Duby. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Notas

¹ V. *O seminário, livro 17, o avesso da psicanálise* e *O seminário, livro 20, mais, ainda*.

² V. o livro de Edward Mcnall Burns et alii, *História da civilização ocidental*.

³ V. *História da vida privada. Do império romano ao ano mil*.